

OS CACHIMBOS TUBULARES FALOMORFOS CERÂMICOS DE ALENQUER, PARÁ

BIBLIOTECA DE ARO
Profª Niède G

Gilma D'Aquino

Alguns Cronistas e Viajantes (Cardim, 1925; Sousa, 1938; Thevet, 1944 e Lery, 1980), indicam que a utilização do fumo pelos grupos brasileiros faz-se presente desde a Pré-história até os dias atuais, sendo que em tempos pretéritos essa prática se dava pelo pajé do grupo, mais precisamente nas manifestações mágico-religiosas. Possivelmente, a erva utilizada para esse fim era a espécie *Nicotiana rustica*, tida como a mais abundante em solo brasileiro (Sauer 1950), apesar de nunca ter sido encontrada em estágio selvagem.

Muitas eram as denominações dadas pelos índios americanos ao fumo/tabaco, principalmente entre os de língua tupi: *petum*, *pitima*, *bettin*, *petigma*, *petume*, como se pode ler em Sousa 1925, Thevet 1944 e Lery 1980.

O fumo era utilizado de várias maneiras pelos índios sulamericanos, fumado, aspirado, comido, mascado, bebido e lambido. Sendo que o fumado é o mais difundido.

Com relação aos cachimbos cerâmicos as pesquisas arqueológicas nos mostram que o seu uso se faz presente na América do Sul e na América do Norte.

No Brasil a prática do fumo em cachimbos cerâmicos tubulares e angulares estende-se de norte a sul, diferenciando-se nas técnicas de manufatura e em alguns casos, na morfologia.

Os cachimbos cerâmicos tubulares objetos deste estudo foram coletados pelo Frei Protásio Frikel entre os anos de 1939 e 1941, em um "sambaqui" localizado na Ponta do Jauari, Lago Grande do Curuá, a oeste de Alenquer, no Estado do Pará. Esse material é fruto de coleta de superfície e foi classificado e analisado em 1959, por Peter Hilbert¹, observando-se, principalmente, a técnica de manufatura.

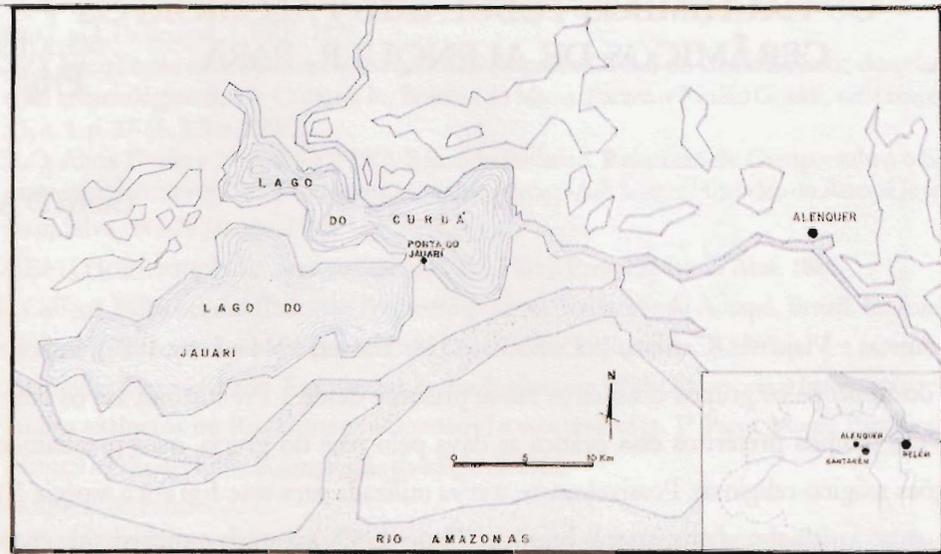


Figura 1. Mapa de localização da Ponta do Jauari, Lago Grande do Curuá, Alenquer (PA).
 Fonte: Adaptado pela autora e J. Mardock (2001), a partir de Hilbert (1959).

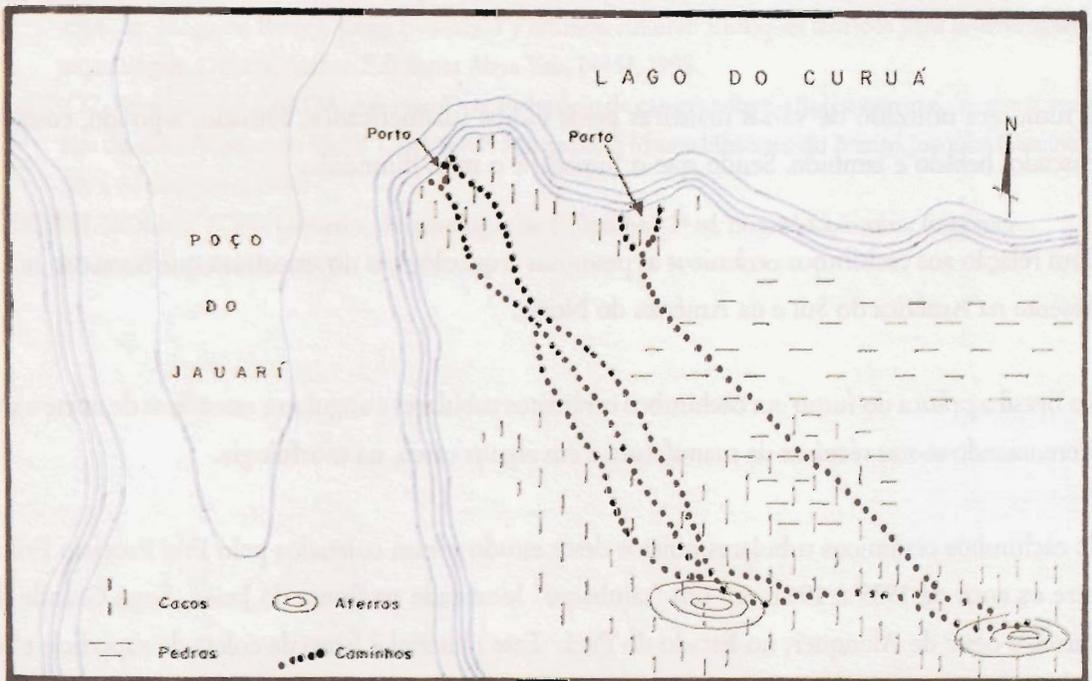


Figura 2. Croqui da distribuição dos artefatos encontrados na Ponta do Jauari, Alenquer (PA).
 Fonte: Adaptado pela autora e J. Mardock (2001), a partir de Hilbert (1959).

A ponta do Jauari encontra-se na união do lago Jauari e do rio Curuá, o que lhe dá o privilégio de acumular essas conchas. Este sítio arqueológico, caracterizado pelo acúmulo de conchas "pelecípodas flúvio-lacustres do gênero Anodonta" ², encontra-se na várzea, sendo encoberto pelas águas no inverno. Apenas nos meses de outubro e novembro essa ponta aparece. Em verões fortes ele seca quase que completamente, observações estas, feitas por Hilbert (1959).

Foram coletados neste sítio, 175 fragmentos de cerâmica, um carimbo, 02 adornos e 26 cachimbos tubulares. Destes, 05 estão inteiros e 21 são fragmentos do "bocal" ou da "cabeça". Além do material cerâmico, foram coletados ainda, mais de 100 artefatos líticos. Para Hilbert, um número elevado de artefatos com relação ao tamanho do sítio. O autor acredita que esse material tenha sido fabricado no local, ou seja, na parte mais externa, próximo ao rio.

Na parte ocidental do sítio, indo até uma área de pedregulhos próximo às elevações, em uma distância de 100 metros da beira do lago as cerâmicas foram encontradas. A maior concentração encontrava-se nas proximidades dessas elevações e nos pontos finais da trilha próximo ao lago (croqui).

Dos 26 cachimbos, 10 são decorados; a técnica e os motivos são semelhantes aos encontrados nos fragmentos: "zonas em linhas cruzadas, alternando com entalhes, largos: zonadas em linhas paralelas escalonadas: linhas duplas elaboradas: modelagem". ³ Como conclusões, Hilbert (1959) sugere "uma certa idade para a cerâmica", motivado pelo fato dela ter sido encontrada em um sambaqui, mesmo tratando-se de material de superfície. Se de um lado, as formas relativamente simples das vasilhas, demonstraram essa possibilidade, de outro, a decoração com técnicas diversas de incisão e adornos plásticos, podem não ser indicações de um "estágio inicial de fabrico da cerâmica".

No que se refere aos cachimbos cerâmicos tubulares estudados por Hilbert, podemos considerar dois pontos importantes: o primeiro diz respeito ao local onde o material cerâmico foi encontrado, visto que, segundo seu próprio relato, estes cachimbos, foram coletados à aproximadamente 100 metros da margem do rio, nas proximidades de algumas elevações que existiam no local; o segundo seria o tipo de coleta realizada, o de superfície, fragilizando as suas informações.

Estes dois aspectos nos levam a refletir na possibilidade de que esse material tenha sido produzido por outro grupo e não pelo grupo que fabricou os artefatos líticos encontrados nas proximidades do rio e sobre o concheiro e também na possibilidade de tratar-se de um grupo ceramista incipiente, apesar de o próprio autor acreditar que poderia ser um grupo em estágio avançado de fabricação cerâmica, visto que, na Amazônia já se possuem evidências da existência de cerâmica em sambaqui. Somente a intensificação das pesquisas na região poderá esclarecer esse fato.

O trabalho de Anna Roosevelt (1988) em um Sambaqui localizado na fazenda de Taperinha, à aproximadamente 40 km de Santarém (PA), destaca a coleta de cerâmica na parte superior desse Sambaqui. Foi realizada datação por C14 em carvão, conchas e carbono, retirados da cerâmica, estabelecendo para essa cerâmica entre a idade de 5.000 e 4.000 a.C. Segundo a autora, apesar da mesma possuir semelhanças a outras mais antigas, é pelos menos “1000 anos mais antiga que a do norte da América do Sul e 3.000 anos mais antiga que a dos Andes dando a essa cerâmica, um lugar privilegiado, o da mais antiga da América do Sul” (Guapindaia *apud* Roosevelt 1993).

Essa evidência comprova que essa cerâmica não sofreu influência nem da América central, nem dos Andes, tido como o centro cultural da América, derrubando a hipótese atribuída de que as populações que habitavam as terras baixas, referidas a Santarém e Marajó, sofreram influências vindas dos Andes. A pesquisadora não faz referência a existência cachimbos nesse Sambaqui

Classificação e Análise

Os procedimentos adotados para a classificação e análise dos 26 cachimbos tubulares, objetos desse estudo, estão diretamente ligados às técnicas de manufatura e à sua morfologia.

Os elementos técnicos são: **a)** matéria-prima – argilas, aditivos ou antiplástico, pigmentos e resinas utilizados para sua confecção; **b)** técnicas de elaboração – preparo da matéria-prima, técnicas de manufatura, técnicas de tratamento de superfície e técnicas de queima.

Quanto à matéria-prima, analisamos apenas o antiplástico. Para a análise de distribuição do antiplástico na pasta, utilizamos uma lupa binocular ZEISS, com aumento de 6.6X.

Trabalhamos com um tipo específico de artefato, os cachimbos cerâmicos, porém com formatos diferentes. Por esse motivo, procuramos nos deter principalmente na morfologia e no tamanho desses artefatos. A sua descrição foi feita por meio de observação sistemática de cada objeto, não havendo possibilidade de outros tipos de testes. A descrição do universo total de cachimbos estudados (143), está detalhada no Catálogo de Cachimbos, que é parte da Dissertação de Mestrado, conforme descrito no início deste artigo.

Dos 26 cachimbos cerâmicos tubulares apenas 03 estão inteiros ou levemente fraturados, o restante são em sua maioria, fragmentos de bocal. Deste total, 12 possuem forma fálica (Fig. 4 e Fig. 5).

Entre os cachimbos tubulares falomorfos 04 são decorados e 08 não possuem decoração, o cauixi é o antiplástico mais utilizado, seguido da concha triturada e da mistura de concha triturada e cauixi, conforme se pode observar no quadro abaixo:

a) Cachimbos tubulares falomorfos

Antiplástico	Decorados	%	Não decorados	%
Cauixi	02	50	03	37,5
Cauixi+ caco moído	01	25	01	12,5
Cocha triturada			02	25
Cuixi + concha triturada			02	25
Não analisado	01	25		
Total	04	100	08	100



Figura 4 - Cachimbo Tubular Falomorfo de cerâmica com representação humana .

Foto: Janduari Simões

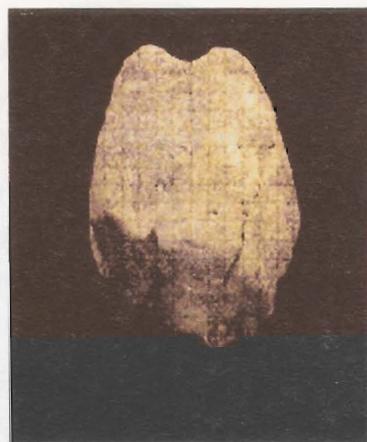


Figura 5- Cachimbo Tubular Falomorfo de cerâmica fragmentado, possuindo apenas o bocal. Foto: Janduari Simões.

Dos cachimbos cerâmicos que possuem forma tubular (Fig. 6 e Fig. 7), apenas 01 é decorado e 13 não possuem decoração, conforme o quadro demonstrativo abaixo, sendo que o cauixi o antiplástico mais utilizado:

b) Cachimbos tubulares

Antiplástico	Decorados	%	Não decorados	%
Cauixi	01	100	07	53,84
Cauixi+concha triturada			01	7,69
Concha triturada			01	7,69
Cariapé			02	15,39
Cariapé+caco moído			02	15,39
Total	01	100	13	100

O resultado da análise desses artefatos é semelhante ao resultado do estudo de Peter Hilbert, realizado em 1959, com apenas pequenas diferenças no que diz respeito aos cachimbos decorados, tendo em vista dois exemplares desses cachimbos não se encontrarem em nosso acervo. No entanto, a classificação foi diferenciada, visto separarmos esses cachimbos em dois grupos: classificando-os

como cachimbos tubulares falomorfos de cerâmica, evidenciando a forma fálica; e cachimbos tubulares de cerâmica, referendando os que não possuem a forma de falo. Muito embora, o próprio Hilbert, tenha feito observação sobre um cachimbo com forma de “pênis” (Fig. 8), exatamente no exemplar que não encontra-se no acervo do Museu Goeldi.

Considerações Finais

Os cachimbos tubulares falomorfos de cerâmica coletados no Lago Grande do Curuá, Ponta do Jauari, Alenquer, Pará, configuram-se na única coleta de cachimbos dessa natureza que compõem o acervo arqueológico do Museu Goeldi, e, até o presente, a única da Amazônia, além de serem também, os únicos cachimbos falomorfos de cerâmica encontrados até hoje, no Brasil. Na Amazônia, trata-se do segundo caso de cerâmica estudada que possui forma de falo, estando na Ilha de Marajó, o primeiro, trata-se de um ídolo com representação feminina.

Configurando-se assim num dado importante, na medida em que sabemos que a evidência do sexo é muito presente na Pré-história, haja vista a sua presença estar muitas vezes representada em urnas, vasos, pratos, bancos, entre outros, como parte da decoração da peça, enquanto os dois casos

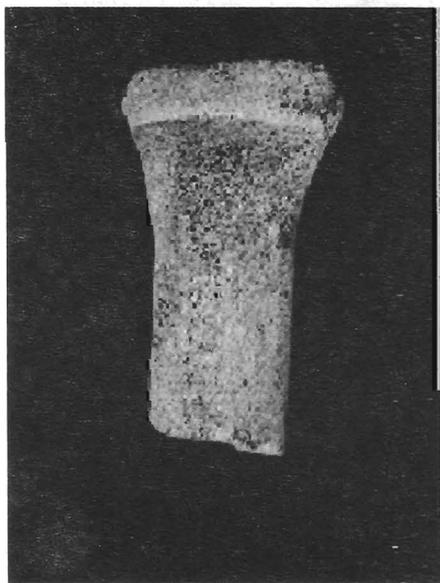


Figura 6 - cachimbo tubular de cerâmica com apenas o bocal. Foto Janduari Simões



Figura 7 - Cachimbo tubular de cerâmica faltando apenas o forninho. Foto Janduari Simões.

citados acima, tratam-se de peças cerâmicas em formato de falo, ou seja, de órgão sexual masculino. Nos mais variados artefatos cerâmicos, a representação do sexo nesses objetos sugere um observador, fato esse que vai de encontro aos cachimbos, visto o usuário levá-lo a boca, justamente na parte proeminente da representação do falo.

Algumas reflexões podem ser feitas a partir dessas informações, pela recorrência (12 artefatos) de um total de 26, acredita-se que estes artefatos estejam ligados a algum ritual de fertilidade. Uma outra proposição seria de que essa prática tenha sido efetuada principalmente entre as mulheres. Fato interessante, tendo em vista que nos trabalhos etnohistóricos, históricos e etnográficos, os autores só fazem referência aos pajés do sexo masculino, muito embora já existam nos grupos atuais mulheres atuando como pajés.

Importante se faz chamar a atenção para os acervos arqueológicos existente nos Museus, Universidades e Fundações, principalmente, aqueles que possuem coleções mais antigas que foram formadas obedecendo-se critérios de colecionadores e precursores da Arqueologia, onde as peças inteiras eram as mais valorizadas e suas coletas não obedeciam a nenhum rigor científico. Essas coleções

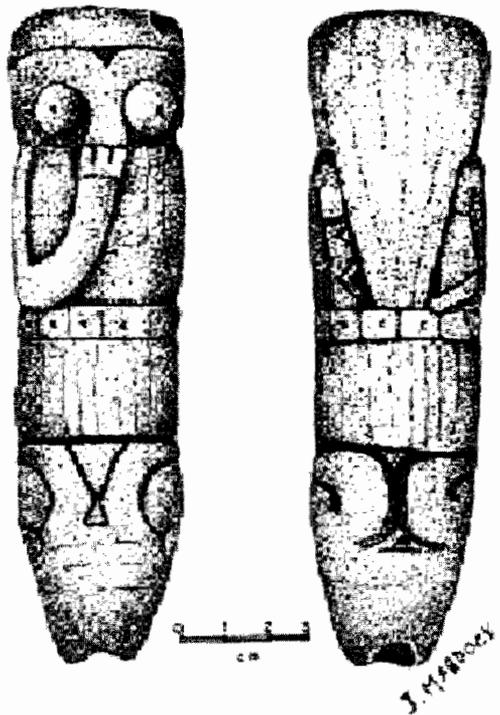


Figura 8 – Cachimbo Tubular Falomorfo com representação feminina

Fonte: Hilbert, 1959

possuem um potencial informativo imensurável e merecem ser estudadas de maneira sistemática, a fim de produzirem informações científicas. Esses estudos poderão somar-se às informações já existentes, ajudar na formulação de hipóteses para pesquisas futuras, além de serem úteis para a elaboração de catálogos, auxiliando em estudos comparativos.

Gilma D'Aquino - Técnica de Pesquisa do Museu Paraense Emílio Goeldi (Ms. Pré-história).

Notas

¹ Pesquisador do Museu Goeldi na década de 50 do século passado.

² Amostras típicas de conchas enviadas ao Museu nacional do Rio de Janeiro. Foram também encontradas numerosas vértebras de peixe, restos de quelônios, anfíbios e mamíferos (Hilbert 1959).

³ Técnica de confecção de cerâmica, à mão livre, a partir de massa uniforme, até atingir a forma desejada. Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica. (1976:137).

Bibliografia

- CARDIM, Fernão. **Tratados da terra e gente do Brasil**. J. Leite: Rio de Janeiro, 1925. 435p.
- COOPER, John M. Estimulantes e Narcóticos. In: **SUMA Etnológica Brasileira**, 1986, p.101-117.
- GUAPINDAIA, Vera Lúcia C. **Fontes Históricas e Arqueológicas sobre os Tapajó de Santarém: a coleção Frederico Barata**. Recife. Dissertação (Mestrado), UFPE. 1993, 117p.
- HILBERT, Peter Paul. **A cerâmica arqueológica da região de Oriximiná**. Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará. Publicação n.9, Belém, 1955.
- _____. **Achados Arqueológicos num Sambaqui do Baixo Amazonas**. Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará. Publicação n.10, Belém, 1959. 22p.il.
- LERY, Jean de. **Viagem à Terra do Brasil**. Brasileira. São Paulo, 1944.
- ROOSEVELT, Anna C. **Sociedades Pré-históricas do Amazonas Brasileiro**. In: **Brasil nas vésperas do mundo moderno**. Comissão Nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses. Lisboa: Quetzal Editores, 1992. p.17-45.
- SAUER, Carl O. **As Plantas Cultivadas na América do Sul Tropical**. In: **SUMA Etnológica Brasileira**. Darcy Ribeiro ed. et alii. 1ªed. Petrópolis, vol.1. p.59-90, il.
- _____. **Agricultural Origins and Dispersals: The Domestication of Animals and Foodstuffs**. MIT Press, 2ªed. United States of America. 1969 175p.
- SIMÕES, Mário F. **A Pesquisa Arqueológica na Amazônia Legal Brasileira**. Dédalo: São Paulo, 1973, 17/18 p. 11-23.
- _____. **A Pré-história da Bacia Amazônica; uma tentativa de reconstituição**. In: **CULTURA Indígena**. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém, 1973. pp.5-12.
- SOUZA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. Cia Editora Nacional: São Paulo, 1938. (Brasília).
- WEINER, Michael A. **Tobacco and Other Stimulants**. Man's Useful Plants. New York, 1976. p.95-101.